

PARA A FRENTE!

(OU "A MARCHA ÉPICA DA COLUNA BARBALHO")

Cel Inf FRANCISCO CARLOS BUENO
DESCHAMPS — Oficial de Estado-Maior

"Do que podem homens assim determinados, viu o mundo um exemplo".

SOUTHEY — História do Brasil

Tudo começou assim: — Apesar de derrotados na Bahia em 1638, dominavam os holandeses do São Francisco ao Rio Grande do Norte, e a Companhia das Índias insistia em levar a conquista para o sul e dominar a capital do Brasil-Colônia.

Preocupou-se com isso o governo ibérico e, em começos de 1639, chegava à Bahia um novo Governador-Geral — o Conde da Tôrre, acompanhado da grande esquadra luso-espanhola.

Iniciaram-se os preparativos para a restauração de Pernambuco e, já em janeiro de 1640, uma frota de perto de 90 naus, com muita artilharia e tropas de desembarque, rumava para o norte em busca do inimigo.

As jornadas de 12 a 14 e 17 decidiram da sorte da soberba frota que, batida sucessivamente em quatro ações navais em águas pernambucanas, dispersou-se: algumas naus foram para o norte, enquanto que outras fundeavam na enseada dos Touros, 14 léguas ao norte do rio Potengi. Estas naus traziam tropas de desembarque e conseguiram lançá-las em terra.

A operação — diz Varnhagen — parece ter provindo mais das prioridades que ditas tropas sofriam a bordo, do que de um propósito de hostilizar o inimigo.

*

* *

Essa a tropa que constitui a famosa Coluna Barbalho, cuja marcha espanta o flamengo e é para Elísio de Carvalho — não um recuo, mas um admirável avanço, uma atrevida entrada em busca de uma saída feliz; e, para Souza Júnior — "um poema de resignação, tenacidade e heroísmo".

A sua testa está o destemido Mestre de Campo Luiz Barbalho Bezerra. Compõem-na valorosos oficiais, como o renomado Henrique Dias (1), Francisco Barreto, Jerônimo Veloso, Domingos Moreira e

(1) Segundo alguns, incorporou-se à Coluna durante a marcha.

outros, entre os quais os capitães paulistas que Salvador de Sá enviara do Rio em refôrço ao Conde da Tôrre, conforme registra Pedro Taques; integram-na os homens desembarcados da desmantelada esquadra, entre os quais se contam veteranos de dez anos daquela luta desigual, além dos rudes bandeirantes do já mencionado refôrço.

São cêrca de 1.300 homens que, mais para diante, serão acrescentados das guerrilhas de Camarão, de André Vidal e de João Barbalho, as quais, desde 39, talam os campos e engenhos da Paraíba, de Pernambuco e de Itamaracá.

As tropas de desembarque não têm missão definida: segundo alguns, era intenção do Conde fazê-las marchar em refôrço à guarnição da Bahia, mas, "por tão difícil era tido o empreendimento, que mais acertado lhe pareceu desembarcá-las", simplesmente; para outros, prevaleceu a impossibilidade de suprir tais efetivos em água e mais provisões que já escasseavam a bordo.

Dêsse modo terá o seu comandante tôda a iniciativa para atuar segundo as circunstâncias.

Barbalho, lutador desde os tempos do Arraial, conhece muito bem Nassau, o renomado guerreiro descendente de capitães ilustres; sabe que o chefe holandês vem brilhando na administração do território conquistado, mas, por ironia do destino, é justamente em seus empreendimentos militares que não tem sido feliz. Sabe que muitos dos oficiais flamengos são veteranos das lutas locais, interessam-se por fortificações, mas apresentam certa tendência para a dispersão de esforços. Conhece a tropa adversa, instruída segundo os padrões europeus da época, treinada e bem suprida; sabe dos seus processos de combate à base de batalhões formados em linhas de arcabuzeiros e piqueiros. Sabe também que a tropa flamenga se desconcerta com a tática de malícia e improvisações dos nossos que, ademais, lhe são muito superiores quanto à capacidade de suportar privações de tôda sorte, em particular a falta de víveres. Ora, o flamengo prefere carregar com seus alforjes bem fornidos e se faz acompanhar de perto por seus comboios de suprimento.

Sabe, finalmente, que o inimigo tem o ânimo levantado com a recente vitória naval sôbre a esquadra luso-espanhola. E não deixa de ter em conta a ajuda que pode dar ao inimigo o tapuia contrário, "com tôdas as suas crueldades" — conforme Frei Rafael irá registrar.

Quanto ao terreno, os seus homens conhecem muito bem suas caatingas, matas e campinas, seus alagadiços e boqueirões formados entre lagoas; suas regiões de banhados e canaviais que se estendem até o sopé dos montes; seus caminhos que conduzem aos engenhos e estâncias e que, por vêzes, cruzam os montes, subindo e descendo por suas encostas. Não será fácil a uma fôrça considerável ir de um ponto a outro sem passar por lugares muito favoráveis a uma emboscada.

Meditando na situação da sua tropa, Barbalho logo se dá conta de que não poderá viver nem lutar ali isolado naquela praia deserta, à míngua de quaisquer recursos, em território dominado ou infestado pelo inimigo.

Sem deixar-se abater, o imperturbável Mestre de Campo prossegue no exame da situação e conclui que, quanto a meios materiais, quase nada existe: — ... "mantimentos não tinham os soldados além dos que couberam em suas mochilas; poucas armas, escassa munição... muitos levavam açúcar nos alforjes, por falta de outro alimento" (2)".

Socorro médico não há, nem outro apoio qualquer.

Barbalho pensa que talvez possa arrebanhar algum gado pelas campinas — "bois e cavalos, para o sustento e para o serviço", mas, bem imagina que, nesse sentido, uma contramedida há de ser prevista pelo comando adverso. (3).

Consta ao experiente Mestre de Campo que a uns 80 km para o sul, na região de Natal — Forte Reis Magos, há uma guarnição inimiga em apoio ao governo regional que ali se instalou. Talvez consiga surpreender essa guarnição e prover-se de algum armamento e provisões.

Mas, e depois?

— permanecer ali, vivendo dos recursos locais, a nada conduz de proveitoso; — deslocar-se para o sul, por léguas e léguas, a fim de ligar-se às guerrilhas de Camarão, de André Vidal ou de João Barbalho, será perder um tempo precioso, quando se sabe da situação em que ficou a Bahia desguarnecida e, por certo, ameaçada pelo inimigo vitorioso.

Barbalho pensa na repercussão que possa ter a queda da capital colonial: ... se isso chega a acontecer, sabe Deus até onde irão os flamengos conduzidos por um homem como Nassau e com os recursos que certamente afluirão da Europa, com as novas perspectivas abertas. Mas ... levar a tropa até a Bahia, distante umas 300 léguas, sem mais recursos do que aqueles que se possa tomar em luta ao inimigo ... Marchar léguas e léguas, dia e noite, acossado pelo inimigo o percurso todo, marchando e lutando ... Transpor os rios sem pontes e sob fogos, forçar passagem com as poucas armas disponíveis, a Coluna exposta às emboscadas, espreitada pela morte em todos os caminhos ... Por certo, haverá fome e sede, haverá doentes, feridos e estropiados, sem nenhum socorro médico ... talvez até se veja na dura contingência de ter de deixá-los pelo caminho, à mercê do inimigo.

(2) Historiadores e cronistas são unânimes quanto à situação de penúria em que se viu a tropa desembarcada.

(3) Efetivamente, ordens inimigas determinam o confisco da farinha aos moradores e a descida de todo gado para as vizinhanças dos fortes, a fim de que Barbalho não tenha como abastecer suas tropas.

Ao que se sabe, o Potengi será disputado, e haverá outras guarnições e destacamentos inimigos espalhados pelas capitânicas, particularmente no Engenho Goiana, em Pôrto Calvo e outros pontos. Provavelmente ser-lhe-á disputada a passagem do Paraíba e outros cortes, até o São Francisco. Terá que evitar certas passagens, metendo-se mato adentro, e tomar cuidado em não se aproximar muito do litoral fortificado.

Haverá muito que pedir aos homens, certamente mal nutridos, mas Barbalho conhece sua gente: não é uma tropa qualquer. Falta-lhe tudo, mas sobra-lhe valor, sobretudo espírito de sacrifício. No fim de contas, vencem aquêles cujo moral resiste melhor e por mais tempo. É verdade que os problemas não se resolvem apenas com a coragem e abnegação da tropa, mas Barbalho também confia em seus oficiais, em sua experiência e espírito de iniciativa, sem falar na penetração da missão de que se acham imbuídos. São homens que desconhecem a inação e o temor da responsabilidade. Assim, pesados os pró e contra, julga Barbalho que mais vale empreender a marcha arrostando a tudo, do que perecer ali, à míngua de qualquer recurso, ou perder tempo em escaramuças estéreis, e ver a Bahia em mãos do inimigo.

Tendo assim raciocinado e concluído — conforme imaginamos — Barbalho reúne os seus oficiais para dar-lhes a conhecer sua decisão e ordens.

Ter-lhes-á dito simplesmente algo assim como segue: — senhores, a Coluna tem liberdade de ação e vai abrir caminho a ferro e fogo rumo à Bahia, a fim de socorrê-la, pois, como sabem, a ocasião é propícia para nova tentativa de Nassau.

Bem sei ser esta marcha uma empresa temerária, senão louca, mas, quando mais não se faça, teremos distraído o inimigo, afastando-o de suas bases, transtornando seus planos e desgastando-o o mais que se possa.

Dir-se-á que fazemos uma retirada, mas onde está o inimigo?

Havemos de ir buscá-lo ou evitá-lo, segundo as nossas conveniências. O essencial é evitar a queda da Bahia, ou pelo menos contribuir para que isso não se dê.

Procuraremos manter-nos informados dos movimentos do inimigo e, quanto possível, disfarçar os nossos, pois o êxito repousa na surpresa que possamos causar-lhe. Nesse sentido, com frequência atuaremos à noite e, mesmo, com mau tempo.

Mais do que nunca viveremos dos recursos locais, isto é, do que possar sobrar por aí afora. Todo material capturado será utilizado ao máximo.

Como disse, bem sei dos perigos e dificuldades que nos esperam, mas, confio na habilidade dos senhores em tirar partido das situações.

Deus salve a Bahia.

Marcha da Coluna Barbalho

Fev-Jun 1640

----- Itinerário Imaginado
 ✕ Combate



... "e ostentando sempre aquêlê valor que despreza a vida para acudir a Pátria aflita, lançou-se nos braços da Providência".

Frei RAFAEL DE JESUS — "Catrioto Lusitano".

O movimento tem início em 15 de fevereiro; a Coluna escalonada com vanguarda de escla-recedores (descobridores de emboscada), guias e balizadores de trilhas. Não obstante a situação de penúria, os homens vão bem dispostos e, muitos dêles, nem de longe se dão conta de que fazem parte da

"coluna destinada a incríveis sofrimentos e incontáveis lances de heroísmo" (4).

A certa altura são assinalados os primeiros espias tapuias, que fogem espavoridos, mas Nassau não tarda em saber da temerária marcha. Os primeiros informes de Gartsmann (5) são tranquilizadores: trata-se de fracos elementos.

A Coluna prossegue e, vadeando os rios Maxaranguape e Ceará-Mirim, aproxima-se do Potengi. A dissimulação do movimento é de tal ordem, que mantém o inimigo na crença de que não se trata de efetivos importantes.

Tropas flamengas do valor de uma Cia., reforçadas com o tapuia aliado, guarnecem o Rio Grande. Gartsmann, que acumula o comando das tropas, levado talvez por informes não apurados, ao invés de pôr-se em condições de defender os passos do rio, ou pelo menos dificultar a transposição, precipita-se ao ataque e logo se vê envolvido, desbaratado, aprisionado e conduzido pela Coluna que prossegue rumo ao sul.

Impressiona-se Nassau com o desastre do Potengi e, sem perda de tempo, determina medidas no sentido de barrar o avanço de Barbalho: ordens urgentes são expedidas para que Dahey, destacado com

(4) Souza Júnior — "Do Recôncavo aos Guararapes".

(5) Maj George Gartsmann, governador do RN.

sua Cia. no Engenho Goiana, vá para o norte reforçar Tournalon, o Capitão Guarda que garante a Paraíba; Picard, com suas tropas de Igarapé, o substitui em Goiana; Hauss e Mansfeldt levantarão gente na Muribeca.

A Coluna avança e, à medida que se aproxima da Paraíba, vai se afastando do litoral fortificado e embrenhando-se na mata. Da Várzea do Cunhaú, ainda no Rio Grande do Norte, Barbalho havia escrito a Nassau em termos corteses, reclamando para os seus doentes e feridos, incapazes de marchar, as convenções de guerra. A jornada até aqui tem sido bem dura e a Bahia está muito longe. As mensagens que chegam da retaguarda não são de molde a repousar o espírito do comandante: são casos de ferimentos que se agravam por falta de tratamento adequado; doenças que surgem quando a alimentação é deficiente e não há socorro médico; e os estropiados, cujo número vai aumentando.

No Cunhaú, onde esperava encontrar algo com que reconfortasse a tropa, nada mais havia: nenhuma provisão, nenhum gado pelo caminho. E a coluna prossegue através campos, colinas, trilhas da mata e do banhado. Da várzea do Cunhaú rumo para sudoeste e penetra na Paraíba. Evitando sempre o litoral, transpõe a capitania de norte a sul e entra em Pernambuco.

Certa noite, o bivaque de uma das companhias é inquietado por infiltrações de tapuias que logo são repelidos, mas levam o pouco charque que ainda existia na subunidade. E ainda essa madrugada, um oficial da vanguarda é gravemente ferido durante um reconhecimento. O patrulhador que traz a infausta mensagem tem os olhos pesados de sono e os pés em lamentável estado. Que falta faz um médico! Não haverá por aí alguém que faça algo por esses feridos?

Essas realidades caem sobre o comandante, ao passo que aumenta o número de estropiados.

Lamenta Varnhagen que esta Coluna — comparável à dos Dez Mil — não tivesse tido o seu xenofonte que, como o ateniense, deixasse “a narração dos serviços que a pátria lhe deveu”. O fato é que não há tempo nem sossego para um “Diário de Marcha”. Circunstâncias como essas aqui transcritas ou imaginadas, haviam de ser a realidade diária na indômita Coluna, quando não a emboscada, o cansaço, a fome e pertinaz perseguição do inimigo implacável. Mas, nem só vicissitudes haveria que registrar: Durante a travessia da Paraíba, certa vez, ainda ao crepúsculo matinal, o graduado paulista que procedia a ronda dos postos de vigilância escuta o pio esquisito de um pássaro desconhecido. Desconfiado, dispõe-se a tomar medidas acauteladoras, mas o nordestino veterano que o acompanha tranquiliza-o dizendo: é nada não; isso é gente do Camarão que vem aí. Fato semelhante se repete pelo território pernambucano, com a chegada das guerrilhas de André Vidal e de João Barbalho.

A Coluna aproxima-se de Goiana.

Os informes que chegam dão conta de que o inimigo está forte no Engenho que, na época, é o principal centro da capitania de Itamaracá.

Nassau aí concentra o valor de dois batalhões (cêrca de 800 homens), reforçados com algumas centenas de índios aliados.

— Que cumpre fazer?

— Desbordar, deixando intactas aquelas fôrças, para logo se ver acochado por tôda parte, com o inimigo de posse da iniciativa?

— E o acréscimo de dificuldades que advirão do internamento pelo sertão, levando a tropa a conhecer os extremos da fome e da miséria?

Nada disso. A decisão é atacar. E manobrar rápido. Há sempre uma oportunidade de surpreender o inimigo, desorganizá-lo e arrefecer-lhe o ânimo, pelo menos por algum tempo.

A solução do problema está na surprêsa e na rapidez do movimentos. Reconhecimentos são feitos e, já na noite da véspera do ataque, certa movimentação de tropa tem início em completo sigilo. Ainda nessa noite reúne Barbalho os seus oficiais para as ordens definitivas.

A atitude serena do Comandante não deixa perceber as preocupações que lhe assaltam o espírito. Não as esconde, porém, aos seus camaradas mais chegados. Nem por um momento põe em dúvida o valor da sua tropa, mas não pode deixar de pensar no estado de penúria em que ela se encontra, em seu cansaço e na flagrante inferioridade de meios materiais. Não basta que a tropa seja boa; há de haver, num escalão qualquer, quem lhe coordene os esforços e lhe assegure o êxito compensador dos sacrifícios feitos.

Todos sabem das vantagens da manobra; mas a decisão de manobrar quando a situação é de cansaço e privações, é, sem dúvida, um grande ato de coragem que o comando realiza, tendo sôbre os ombros dezenas de problemas imediatos, grandes e pequenos.

Não é fácil a um comandante afastar do espírito tais problemas e planejar e realizar manobras táticas.

Há muitas causas de hesitação, a começar pela tendência em conservar seus meios reunidos. O instinto gregário também se manifesta nos agrupamentos, como nos indivíduos. Depois, há, ainda, outros problemas a encarar, na prática: — o reconhecimento mostrou a possibilidade de lançar uma parte da fôrça em largo movimento para determinada região matosa, onde, após horas de marcha, deverá chegar em condições de atacar seu objetivo; mas a ligação a manter com êsse destacamento é problemática, em vista do terreno cortado que deverá transpor. A observação inimiga é evidente que funciona, pelo menos através seus espias. O movimento pode ser descoberto, e o inimigo voltar-se para a ameaça flanqueante.

Há que estar preparado para essa eventualidade, e tirar partido da situação. Além do mais, êsses índios, e o próprio flamengo, co-

nhecem os arredores e suas trilhas tão bem quanto os nossos. Caminhos, desfiladeiros e trilhas estarão relacionados para interdição por emboscada. E nem se cogitou de limpá-los. A demora aproveitaria ao inimigo na consolidação de suas medidas, e a manobra seria percebida.

Mas, há de haver como chegar até lá.

Agora, quanto aos nossos, são todos êles homens afeitos a êsse gênero de lutas e ardorosos como sempre; mas as companhias se apresentam com seus efetivos reduzidos de pelo menos uma quarta parte, com seus doentes, feridos e estropiados.

Contudo, vai-se manobrar rápido e com a possível segurança. Assim — imaginamos — teria se externado o destemido Barbalho, Mestre de Campo Comandante de Têrço de Infantaria.

Bem sabiam seus velhos camaradas que a manobra em tais circunstâncias constitui um desafio; e que é na decisão de conduta de combate que o chefe se revela. Uma decisão deve ser tomada, e a manobra vigorosamente impulsionada. Muitas vêzes a linha de ação certa é lançar-se rápido, com a segurança possível; muitas vêzes a direção escolhida é aquela que, por desvantajosa, o inimigo não julgou necessário defender melhor.

O risco calculado de uma manobra audaciosa, avaliado por um chefe capaz, poucas vêzes falha, desde que executado com rapidez e decisão.

Em 28 de fevereiro de 1640, no Engenho Goiana, a ação foi particularmente áspera: 500 baixas inimigas, registram as crônicas, entre as quais relevam as do Maj Picard e Cap Lochmann. Os remanescentes refugiam-se numa "casa forte". Com êles os nossos se entretem, durante algum tempo, e em seguida, rompem contato. A idéia é não deixar-se aferrar.

A Coluna retoma o movimento através território pernambucano, e Nassau dá nôvo impulso à perseguição, fazendo desembarcar da esquadra fôrças terrestres e navais, sob o comando de Jacob Alard. Mansfeldt e Hoogstraten vão para São Lourenço; Haus para o Serinhaem, onde o Cap Sins se lhe junta com sua Companhia.

Não obstante, a Coluna prossegue em sua "marcha cruenta e desconcertante" — diz o cronista. Transpõe o Tracunhaém, desborda São Lourenço por oeste e, nas matas de Santo Antão, repele a fôrça que se lhe opõe, infligindo-lhe pesadas perdas.

Parece que já não há como deter a intrépida Coluna.

Da sua indomável determinação, dá testemunho insuspeito o Chefe holandês em carta de 7 de maio, aos Estados Gerais: — "Faz-se tôda a possível diligência por cortar-lhe o passo, como mostram as difíceis marchas dos Coronéis Koin e Doncker e do Cap Turlon" (6).

(6) Refere Varnhagen que Charles Tourles Turlon — Cap da Guarda Flaminga, chegou a fazer 17 léguas em 12 horas!

Entrementes, Barbalho avança através campos, banhados, sobe e desce morros, repele o inimigo, rompe contato, interna-se na mata e, não raro, surge nas proximidades do litoral.

"Traça uma linha rubra de fogo através da região holandesa" — escreve Hermann Watgen. (7)

Vadeando os rios Ipojuca, Serinhaém, Una e Jacuípe, entra em território alagoano. A seguir, desbordando Pôrto Calvo, que sabe fortificado, transpõe o Mondaú e, no Engenho Salgado, repele vigorosamente consideráveis fôrças que intentam cortar-lhe o passo. Prossegue contornando a região de lagoas que rodeia Maceió, rumo para sudoeste e sai nos campos do Unhaú, na região de São Miguel, onde, em encarniçado combate que dura tôda a jornada, uma vez mais repele os ataques da pertinaz perseguição.

De onde lhes vem, aos nossos, tamanha energia, qual a mágica fonte dessa fôrça misteriosa que, instantâneamente, os transforma em verdadeiras fúrias arrasadoras?

Não faz muito marchavam pelas trilhas figuras hirsutas, de olhos mortiços, marcadas pelas privações e pelo cansaço de meses de infidáveis marchas e encarniçados combates. E eis que de repente, ao sinal de assalto, os músculos se lhes enrijam e os olhos brilham decididos, "como se a flama do sacrificio emergisse pura dêsse pedestal de miséria e sofrimento". (8)

Lá, na colina, está o inimigo, e êles vão procurá-lo. Impávidos, resistem a pé firme a descarga dos mosquetes adversos e, meio cegos da fumaça, suor e poeira, por vez disparam suas armas e, dentes cerrados, em doida arremetida, se lançam ao furioso corpo a corpo, rompem os quadrados e levam a confusão aos batalhões inimigos.

Dêles dirá mais tarde o atordoado artilheiro flamengo (9): ... que adianta apontar as peças sôbre êsses endiabrados que pulam para todos os lados, confundem-se com os nossos e se dispersam com tamanha agilidade?

Assim foi em Goiana, assim foi em Santo Antão, no Salgado, no Unhaú e outros recontros; assim será nas Tabocas e nos Guararapes.

A fonte dessa inesgotável energia está no entranhado apêgo ao solo pátrio.

"Esta retirada — escreve Rocha Pombo — por si só, dá uma perfeita idéia do quanto custa ao intruso conservar semelhante conquista, violentando figuras de tal grandeza".

(7) Citado por Bernardino José de Souza em "Narrativas Militares" — Coletânea da Biblioteca do Exército.

(8) Cel Alexandre, do Ex. Francês, referindo-se ao infante (Revue de Cavalerie Blindée — 3º Trim. 62).

(9) Van Goch, referindo-se aos Guararapes.

A extraordinária capacidade combativa lhes nasce espontaneamente da reação instintiva contra a invasão do solo pátrio, e leva o homem a lutar, mesmo em condições materiais as mais desvantajosas. Nada mais pede que a oportunidade de lutar. Está consciente de que, da sua força d'alma em suportar o sofrimento e tensão nervosa, da sua vigilância e compenetração da missão, depende o êxito da luta e, portanto, a libertação do solo pátrio.

Em 8 de maio, participava Nassau que Barbalho e sua Coluna conseguira passar o São Francisco, a montante de Penedo.

De nada adianta que o Almirante Jol vá para aquelas águas fluviais com suas naus, suas tropas e seus índios aliados. A Coluna invicta prossegue, já agora "com mais alívio e descanso", através território sergipano e, em junho de 640, penetra na Bahia.

Objetivo atingido.

Refere Varnhagen que, logo após a expedição de Jol ao São Francisco, Lichthardt parte para a Bahia com 20 naus e 2.500 homens de desembarque. A esta força junta-se a de Jol, que chegara atrasado ao São Francisco.

"Salvador estêve ameaçada e seria investida e tomada se, muito a tempo, Barbalho e seus cansados 1.200 homens lá não chegassem, vindo prodigiosamente desde o Rio Grande do Norte".

Durante quatro meses a Coluna marchou e combateu através quase 2.000 quilômetros de território inimigo, enfrentando privações de toda sorte: fome, sede, doentes e feridos à míngua de quaisquer recursos, escassez de armamento e a pertinaz perseguição do inimigo, batido, aliás, em todos os recontros.

Missão cumprida.

Com toda razão discorda o brilhante escritor Elísio de Carvalho da denominação "retirada", que os historiadores dão à marcha da Coluna Barbalho. Certamente, não foi uma retirada no sentido de um movimento retrógrado, afastando-se do inimigo. O que se viu foi um comando enérgico e audaz atribuindo-se a si mesmo uma missão de sacrifício e, a despeito de todos os obstáculos, cumpri-la com inexcusável dignidade e bravura. Realizou, com sua coluna, um feito como poucos iguais registra a História Militar de todos os tempos.

... "empresa que, ainda quando realizada, se faz duvidosa" — escreve Frei Rafael. (10)

(10) Obra citada.

Talvez nem o próprio Barbalho haja percebido todo alcance do seu glorioso feito, pois — não apenas salvou os destroços de uma expedição malograda, como também contribuiu decisivamente para o fracasso da expedição inimiga contra a Bahia; — não apenas preservou a tradição de bravura das forças terrestres, como também concorreu poderosamente para que a futura infantaria brasileira tivesse um nascedouro digno do que lhe seria exigido nos pantanais do Chaco ou nas montanhas da Itália.



GUERRA DO PARAGUAI

A Subseção Comercial da Biblioteca do Exército possui à disposição dos interessados a monumental obra do Gen Augusto Tasso Fragoso, "História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai", revista e anotada pelo Ten-Cel Francisco Ruas Santos.

5 volumes — 3.228 páginas — 96 mapas.

Preço: Volumes e mapas — Cr\$ 3.000,00.

Capa colecionadora de mapas Cr\$ 250,00.

Pedidos pelo reembolso postal à Subseção Comercial, Biblioteca do Exército, Palácio da Guerra, 3º andar da Ala Marcílio Dias.

Rio de Janeiro — GB, ZC-55

Enderêço telegráfico: BIBLIEX